

PRIMAVERA DOS OSSOS

por Carolina Queder

PRIMAVERA DOS OSSOS
ou
DEPOIS DO PASSADO E DO DIA DE HOJE, VAMOS NOS ENCONTRAR
por Carolina Queder

Agosto de 2021

PERSONAGENS

TIMÓTEO

Pai de Lourdes e Júlia. Idoso acometido por um derrame após o assassinato de sua filha Júlia. Está acamado e Lourdes cuida dele. Às vezes, expressa poucas palavras, narrando fatos do passado à boneca da bisneta Licinha.

LOURDES

Primogênita de Timóteo. Não se casou e vive isolada de homens. Após o falecimento da irmã ficou responsável por cuidar das sobrinhas e do pai Timóteo.

JÚLIA

Segunda filha de Timóteo, esposa de Célio, mãe de Márcia, Cecília e Alice. Foi assassinada por Márcia após dar à luz ao quarto filho, um homem.

CÉLIO

Esposo de Júlia, pai de Márcia, Cecília e Alice. Viu a esposa ser esfaqueada pela filha e derrubou o bebê recém-nascido, fato que ocasionou sua morte. Enlouquecido, teve de ser amarrado à árvore do jardim, onde passou a viver. Grita à noite, exceto quando chove.

MÁRCIA

Primogênita de Célio e Júlia. Matricida. A razão para ter matado sua mãe ainda é uma incógnita à família que antes do ocorrido a chamada de Marcinha, agora referem-se à ela somente como Márcia. Seu paradeiro é desconhecido.

CECÍLIA

Filha de Célio e Júlia. Também presenciou o assassinato da mãe.

ALICE (LICINHA)

A caçula. Ainda é criança. Não conhece outro lugar senão a casa da família. Foi a única que não presenciou a morte da mãe, mas viu o irmão morto. Possui uma boneca com quem passa a maior parte do tempo, através dela se comunica com o avô e com o pai.

O BEBÊ

Logo após o parto foi derrubado pelo pai. Não aguentou a queda e faleceu.

CENA I

Uma mulher, Cecília, sentada em uma cadeira de balanço, tricota, sem balançar. A menina pouco à sua frente, Licinha, brinca com uma boneca, que está despida.

LICINHA (à boneca): Que coisa feia andar por aí desse jeito. Pouca vergonha mulher assim.

Alguém a manda ficar quieta. A menina, então, passa a sussurrar infantilizando, exageradamente, seu modo de falar.

LICINHA (cantando): Hora de dormir, mamãe não vem. Cadê você que nunca vem? Mamãe já foi, pra onde foi? Será que não quer mais o seu bebê? (à Cecília) Cecília, você tem um bebê com você?

CECÍLIA: Por que você repete tanto as palavras?

LICINHA: Eu não repito. EU NÃO SOU UM PAPAGAIO!

CECÍLIA: Ninguém aguenta uma menina birrenta.

LICINHA: Mamãe disse que não é birra. É vontade de colo.

CECÍLIA: Mamãe morreu!

Elas ficam quietas. Licinha tapa a própria boca com um gesto rápido, tão rápido como se aparentasse bater em si mesma.

LICINHA (pede silêncio levando o dedo aos lábios): Eu não sei o que você ouviu, mas tá todo mundo dizendo que você é louca, Cecília. Eu sou tua irmã e tô te avisando... estão falando de você (olha para trás).

CECÍLIA: Licinha, você aumenta o problema.

LICINHA: Foi o que ouvi. Quando levantei hoje, não conseguia escutar nada. Era como se um bichinho tivesse entrado na minha orelha, sabe eu cocei e não consegui tirar nada, só sangue. Só me dei conta que doía quando vi o sangue na ponta do meu dedinho.

CECÍLIA (puxando a irmã para si): Deixa eu ver. Não tem nada. Você ainda vai conseguir escutar muito bem.

LICINHA: Que bom, porque eu gosto de escutar. Você sabe disso, não sabe, Cecília?

CECÍLIA: Que você se esconde em cada canto para ouvir a conversa dos outros que não têm nada a ver com você? É, eu sei disso.

LICINHA: É que quando estou escondida consigo perceber melhor, sabe. É o momento da verdade, como os seus segredos...

CECÍLIA: Me entrega sua boneca.

LICINHA: Não, você quer machucá-la.

Cecilia mantém a mão estendida. Licinha obedece e entrega a boneca.

CECÍLIA: A sua boneca não tem língua. Por isso ela é assim, tapada, boba, não fala e nem escuta. Ela cumpre sua função no mundo sendo uma boneca. Você, Licinha, deveria tentar ser mais como ela.

LICINHA: Eu conto tudo para ela.

CECÍLIA: Não importa, ela não pode contar para ninguém.

LICINHA (pega a boneca de sua irmã): Sua boneca estúpida! Você não me ouve? Agora você me escuta? Cecília, eu preciso dela agora.

CECÍLIA: Tesoura não é brinquedo de criança.

LICINHA: Me dá, Cecília. Eu vou fazer essa boneca me ouvir.

Cecília entrega a tesoura que guardou debaixo do bolo de linha.

LICINHA: Boneca, essa é a tesoura. A tesoura faz ai ai. Ela machuca. Ela mata, não é, Cecília? É, ela machuca e mata. Agora, eu tenho ela e você, não. Ela faz o que eu quiser que seja feito. Você vai me ouvir, boneca.

Licinha perfura as orelhas da boneca. Os furos ficam grosseiros.

CECÍLIA: Viu que não sai sangue? Ainda assim, Licinha, ela não te escuta.

A linha que Cecília usa para tricotar é vermelha. Licinha engatinha até os pés da irmã, puxa a ponta da linha pendente e corre de volta à boneca. Ela analisa a melhor forma de amarrá-la. Com movimentos rápidos, enrola a linha no pescoço da boneca e a deixa suspensa no ar. A boneca está enforcada.

LICINHA: Às vezes, eu não gosto de brincar.

CECÍLIA: É porque você nunca viu outra criança, depois que brincar com uma, vai gostar das brincadeiras.

LICINHA: Por que você não brinca comigo?

CECÍLIA: Começou a birra?

LICINHA: Eu já disse que não é birra, é vontade de colo.

CECÍLIA: Para quem você vai pedir colo?

LICINHA: Se hoje chover, eu vou deixar o pai tomar toda a água do mundo, não vou impedir nada. Vou junto da Márcia.

CECÍLIA: Ela também deve ter morrido.

LICINHA: Para de falar de morte, Cecília. Eu já disse que não quero mais falar disso. Você que inicia o assunto.

CECÍLIA: Eu também vou embora, quero deixar essa casa para trás.

LICINHA: Você vai casar, Cecília?

CECÍLIA: Não sei. Acho que não quero compartilhar com ninguém essa história.

LICINHA: Você pode manter segredo. A gente não conta para ninguém.

CECÍLIA: Se um dia eu tiver a minha casa, só minha, eu te levo também.

LICINHA: Aí você vai brincar comigo?

CECÍLIA: Quando a gente sair daqui, você não será mais uma menina. Licinha, você ainda fala como criança, chora pela boneca, pela mãe, pelo vô. Todo mundo morre, Licinha, uma hora ou outra. Então, para de azucrinar. Leva essa boneca embora.

CENA II

Quarto de Timóteo. Ele está deitado na cama. Não se move. Próximo a ele, Lourdes, sua filha.

LOURDES: Pode doer, é, eu sei que dói, mas eu preciso.

O doente estremece.

LOURDES: Talvez, hoje melhore. Posso te levar na varanda e ficaremos no sol. Você gostaria disto? Ah, é. Eu também. A menina pode ficar conosco, se ela ficar quieta. Eu não gosto daquela vizinha. No fundo eu já previa isto, que um dia toda a filharada seria minha responsabilidade. Só não imaginei que ela fosse... Desculpe, eu não quero te agitar. Mas e o nome, tudo bem se eu pronunciar? Porque não falo em voz alta faz um tempo. É assim que eu marco na memória, falando em voz alta.

LOURDES: Julia.

LOURDES (de volta a Timóteo): Era um nome moderno. Eu queria que... (a si mesma) Acalme-se, mulher, você tem que criar as meninas agora. Foi deixado para mim criá-las e depois jogar no mundo. Não sou capaz de controlar nenhuma das duas. E a criança já começa a entender que a mãe morreu. Desculpe, pai. Não quero te incomodar. Mas preciso disso, todos os dias acordar e lembrar o que essa casa viu, o que nós vimos... o corpo da Júlia no chão. Eu não imaginei que uma mulher tão pequena pudesse sangrar tanto. E a gente ainda está aqui, no lugar do velório e em luto perpétuo. Eu não sei se algum dia uma de nós voltará a sorrir.

Licinha entra no quarto.

LICINHA: Agora é minha vez?

LOURDES: Não, você agita o vô. Vai brincar de boneca lá fora.

LICINHA: Mas eu prometo ser comportada dessa vez, Lourdes. Eu sento ali no canto e você nem me percebe.

LOURDES: Agora eu tenho que trocar a fralda dele, isso não é coisa de criança ver.

LICINHA: Eu tapo os olhos.

LOURDES: Vira para a parede.

Licinha obedece.

LICINHA: Eu posso falar?

LOURDES: Pode.

LICINHA: O vô já morreu ou ele morre e volta a viver?

LOURDES: A gente não deve falar da morte na frente do morto!

LICINHA: Então, ele já morreu.

LOURDES: NÃO! Ele está vivo e te escuta.

LICINHA: Ninguém me escuta.

LOURDES: Cadê sua boneca?

LICINHA: Eu dei pro cachorro.

LOURDES: Então, você ficará sem agora.

LICINHA: Ele vomitou ontem à tarde. Você acha que pode ser o bebê?

LOURDES: O cão não comeu o bebê. Eu enterrei ele.

LICINHA: Só acredito vendo o corpinho.

LOURDES: Eu não quero que você veja a morte tão cedo.

LICINHA: Eu matei a boneca dando ela pro cachorro?

LOURDES: As chances de ela ser destruída são grandes.

Licinha sai correndo e enquanto Lourdes termina de trocar a fralda geriátrica de Timóteo, a menina retorna com a boneca em mau estado.

LICINHA (ainda de costas para Lourdes e Timóteo): Deu pra salvar.

LOURDES: Agora vê se cuida dela.

LICINHA: Eu vou cuidar, Lourdes. O pai que me deu essa boneca. Ele não me responde quando eu pergunto, mas fala com a boneca. A Cecília não entende isso, ela diz que a boneca não ouve ou fala. Ela fala com o pai!

LOURDES: Para de gritar! Você deixa ele agitado.

LICINHA (aproximando-se da cama do enfermo): Desculpa, vô. Que cara fofinha você tem, que olhos esbugalhados, vôzinho.

TIMÓTEO: Julia?

LICINHA: Viu, Lourdes? Quando a boneca fala, ele entende.

CENA III

A árvore do jardim. Amarrado ao tronco, Célio. Está aprisionado por uma corda presa a seu pescoço. Célio embala uma criança que não está ali.

LICINHA (aproximando-se aos poucos): A Lourdes me disse que o vô não me escuta. Eu disse para ela que escuta. Que você também me escuta, pai. (Altera a entonação ao mostrar a boneca) Não é? Não me ouve bem, paizinho? Eu vi que você tinha um bebê aí. Cadê ele?

CÉLIO: Ele caiu.

LICINHA: Você deixou seu bebê cair?

CÉLIO: Ele caiu, Júlia. Eu não consegui segurar, quando vi... o menino estatelou no chão.

LICINHA: Como você faz isso, Célio? Um pai não derruba seu bebê.

CÉLIO: Me desculpa. Me desculpa. Me desculpa.

LICINHA: Sua função é fácil, segura a criança enquanto a Júlia se recupera. Eu dei à luz, Célio, e você não foi capaz de segurar o bebê. Agora que ele morreu, não adianta nada.

CÉLIO: Me desculpa, Júlia.

LICINHA: Pai, para mim está tudo bem que você tenha derrubado o irmãozinho. A mamãe gostava tanto dele.

CÉLIO: Era uma parte nossa.

LICINHA: É, o único menino na família depois do vô Timóteo. Só não sei bem disso, da necessidade de ter mais um homem na casa. Talvez fosse bom, já que o vô está morrendo, e você enlouqueceu. Nós não seríamos somente três mulheres sozinhas aqui, no nada. É claro que eu penso na mãe e na Márcia, mas depois do que aconteceu, não penso que a Marcinha poderia voltar a morrer com a gente.

CÉLIO: Ela matou.

LICINHA: Eu não conheço a história, ninguém me conta. Mas eu sei que alguma coisa aconteceu. Porque antes dessa coisa, a gente era feliz, ou mais feliz, porque eu ainda vejo graça na vida. Você não, pai. Nem a Cecília ri. O vô não consegue mais sair da cama. A Lourdes chama de choque pós-traumático, porque ele viu a filha morrer.

CÉLIO: A Júlia morreu.

LICINHA: É, a mamãe morreu, pai.

CÉLIO: Me desculpa, Júlia.

LICINHA: E me desculpa Licinha?

CÉLIO: Me desculpa. Me desculpa. Me desculpa.

Ele continua até não ser mais ouvido.

Licinha com a boneca.

LICINHA: Você viu o que você fez? Provocando o pai, que feio! Vai levar palmada na bunda. Sua boneca arteira, você instaura o caos na casa. Ninguém te aguenta por perto. Credo, boneca! Coitado do pai que mora fora de casa agora.

CECÍLIA: Você mexeu com ele?

LICINHA: Eu não mexi, eu só fui dar oi.

CECÍLIA: Já disse para ficar longe do pai. A gente não sabe o que está passando na cabeça dele.

LICINHA: A Lourdes disse que ele está em pertinência.

CECÍLIA: Penitência!

LICINHA: Pedindo o que?

CECÍLIA: É uma pena autoimposta. Não vou começar a conversa com você se depois vai chorando para a Lourdes, dizendo que sou maldosa.

LICINHA: Você é maldosa, Cecília.

CECÍLIA: Sabe o que maldade significa?

LICINHA: É quando alguém faz coisas ruins para os outros.

CECÍLIA: E que coisas ruins você anda fazendo, Licinha? Você não é maldosa também?

LICINHA: Não de propósito.

CECÍLIA: Não importa se foi de propósito ou não. A maldade não precisa de intenção, só resultado.

LICINHA: Eu não entendo o que você quer dizer. Tem que ser mais clara, Cecília. Se você me diz que sou maldosa porque provoco o cachorro, é porque eu sou criança. Estou brincando com ele. Agora, eu te digo que você é maldosa por roubar as heranças de família. Quem de nós é a pior?

CECÍLIA: O que eu faço é assunto meu. Fica quieta, Licinha. Você tem que lembrar que eu sou a sua irmã, a Lourdes só cuida da gente por obrigação, porque é nossa tia, não é por amor. Não se deixa enganar.

LICINHA: A Lourdes te odeia, mas ela gosta de mim.

CECÍLIA: Para de ser ingênua.

LICINHA: Eu nem sei o que isso significa.

Licinha segura a mão de Cecília, a impedindo de se afastar.

LICINHA: Me conta como ela morreu.

CECÍLIA: Você vai chorar?

LICINHA: Eu não posso chorar a morte da mãe?

CENA IV

Cecília. Tem a face muito próxima à vidraça da janela. As grades desta fazem parecer que a moça está presa.

CECÍLIA: Márcia. Não dá para te chamar assim, não é? Você é a Marcinha... nós íamos sair daqui juntas, mas você nem me deu chances. Só fiquei parada vendo você correr mato adentro. (Tira a tesoura que sempre esconde sob o bolo de linha) Só ficou a tesoura. No dia, eu fiquei sem querer imaginar. Isso acontece, Marcinha. Do nada, às vezes, eu tenho que me forçar para acreditar que tudo realmente aconteceu. Você matou a mãe. Já não sei bem em qual verdade acreditar. Nem na sua, na dela, porque quando alguém morre, todo mundo quer carregar as dores do morto. Falo isso pensando em cada palavra... a mãe morta. A mãe morta, Cecília. Pois é. Nesta casa, bem ali. Eu estava ali, vendo tudo. A mãe deu à luz, a Márcia gritava. Não era a hora certa para discussões, Marcinha. A gente contaria depois, contaria que íamos embora, mas só depois do puerpério. Ainda assim, eu dei a tesoura para a Márcia cortar o cordão umbilical. A Márcia cortou o cordão umbilical dela com a mãe. Márcia Mata. Quando disseram que não era mais para te chamar de Marcinha, tentei encontrar um nome só nosso, que só eu soubesse. Márcia Mata. Bem perigosa, não é? Eu ri. Porque você sempre foi muito bobona, incapaz de ferir qualquer um. Foi porque a mãe te provocou, te impediu? Márcia, você saiu da casa sem mim! A gente tinha uma promessa de ver o mundo juntas. Agora eu tenho medo da casa e do mundo. Eu tenho medo de mim mesma.

LICINHA (de longe): Cecília, o cachorro está *cavucando* o túmulo!

CENA V

Lourdes no quintal. Um pequeno monte de terra elevada destaca-se. É o túmulo do recém-nascido. O cão cavou, não se sabe se ele atingiu o corpo. Pouco atrás, está o túmulo de Júlia. Não há lápide ou nenhum indicativo de nomes ou datas.

CECÍLIA: Foi o cachorro de novo?

LOURDES: Mas não pegou.

LICINHA: Esse bebê deve ser delicioso já que o cão quer comer ele de todo jeito, vivo ou morto.

LOURDES: Modos, criatura! É teu irmão.

LICINHA: Irmão morto.

LOURDES: Cadê teu respeito pelos mortos?

LICINHA: Não faltei com respeito por dizer que ele está morto. Ele está!

CECÍLIA: Já deu, Licinha. Você vai isolar o quintal, Lourdes?

LOURDES: Não vou fazer um cemitério para essa casa. Para que? Aí todos veem que morremos? Veem nossos mortos?

LICINHA: Cadê o seu respeito pelos mortos, Lourdes?

CECÍLIA: Quieta, Alice.

LOURDES: Se é que alguém vai passar por aqui.

LICINHA: Não vai.

LOURDES: Se é que logo não precisaremos cavar nova cova, uma maior ainda pro vô. E pro teu pai, menina!

LICINHA: Uma bem grande porque o pai disse que só morre se for enterrado com a árvore dele.

LOURDES: E você já viu árvore sendo enterrada? Seu pai enlouqueceu, está em penitência perpétua. Ele deveria ter se levantado, criado as filhas, ao invés de ser fraco desse jeito, deixando tudo sobre minhas costas. A culpa da menina ser assim também é dele.

LICINHA (aproximando-se de Cecília): Cecília, você não vai defender o pai?

CECÍLIA: Deixa ela esbravejar. Todo mundo tem direito de sentir raiva.

LICINHA: Eu discordo. Lourdes, você para de falar mal do nosso pai. Ele está doente. Não te dou autoridade para falar mal de meu pai doente, enquanto nós cuidamos do seu, sua/

LOURDES: Para mim já deu.

Lourdes as deixa só.

CECÍLIA: Licinha, para! Onde você ouviu isso?

LICINHA: Ouviu em algum lugar... Eu queria ver o irmãozinho, posso? Só ver assim, bem rápido, porque nem deu tempo direito, eu nem consegui me apresentar. Também não disse tchau à mãe. Quando ela estava com o barrigão eu sentava no colo dela, às vezes ela sentia dor e eu tinha que massagear seus pés com manteiga. Não conta para Lourdes que usamos a manteiga para isso, Licinha. Ela me dizia. Não conta para ninguém. E a gente ficava lá, só eu, ela e o irmãozinho. Deixa eu ver o rostinho dele, Cecília. Por favor. Ninguém pode me impedir de ver essa parte que também é minha. Meu irmão.

CECÍLIA: Às vezes, Licinha, eu esqueço que você ainda é criança.

LICINHA: É que eu já vi muita coisa.

CECÍLIA: Eu acho que não, que você ainda não viu nada e isso que te faz imaginar aquilo que não é real.

LICINHA: Você vai me mostrar?

CECÍLIA: Não é pra chorar.

As duas ajoelhadas ao redor do pequeno túmulo. Cecília tira uma grande quantidade de terra e então Licinha vê o irmão.

CECÍLIA: Você quer falar alguma coisa para ele?

LICINHA: Mas ele não me ouve.

CECÍLIA: Ele é como a sua boneca. Você não fala porque é ouvida. Isso é para você, o que você diria se ele pudesse responder.

LICINHA: Talvez, como ele é bebê, não saiba quem eu sou. (ao irmão) Oi, bebê sem nome. Eu queria que te chamassem Joel, João, José, Jo... alguma coisa. Porque eu gosto. Eu sou sua irmã Alice, mas em casa me chamam de Licinha. Ninguém mais me chama de outra coisa, porque eu ainda não conheço outras pessoas. Aqui é a casa, essa é a Cecília, nossa outra irmã, a Marcinha foi embora Ela era uma boa irmã. E tem a tia Lourdes, mas a gente não chama ela de tia. Lá na frente, preso na árvore, é o pai e o vô Timóteo vive na cama agora. O pai você já conhece porque ele que te derrubou e por isso você não fala. A mãe gostava muito de você. Eu gosto de você. Cecília, não tenho coragem de jogar terra no rostinho dele.

CECÍLIA: Se você já se despediu não tem problema.

LICINHA: Não é cruel jogar terra na cara de alguém?

CECÍLIA: Ele já morreu.

LICINHA: Mesmo assim. Eu respeito os mortos, Cecília.

Licinha sai. Cecília fica sozinha. Ela continua a jogar terra sobre a cova do irmão. Quando o túmulo está pronto, Cecília senta-se próxima ao lugar de descanso da mãe.

CECÍLIA: Ela acha que você era muito boa. Ninguém é bom assim, só pro filho pequeno que é cego aos defeitos dos pais. É tão estranho te chamar de mãe, sabendo que você não está aqui, que não ouve, que não sente, que seu corpo está frio e antes era quentinho e eu queria estar no seu colo agora. Ao mesmo tempo que você é a razão dos meus medos, é também o colo onde eu me achego para chorar. Achegava. Não mais. Agora que você acabou, parece que tudo tem fim. Antes o fim não existia para mim, hoje ele está presente em tudo.

CENA VI

Célio amarrado à árvore do jardim. Já é noite. Ele grita pela esposa falecida. Na varanda, Licinha com a boneca. Ela observa o pai. Segura firme sua companheira e as duas se tornam espectadoras da miséria do homem.

CÉLIO: Júlia! Júlia!

LICINHA: Júlia! Júlia!

Célio a observa.

CÉLIO: Você não é a Júlia.

Licinha caminha até o pai e mostra-lhe a boneca.

LICINHA: Está tudo bem, pai. A Júlia está aqui.

Célio segura a boneca e continua a gritar o nome da esposa falecida.

LICINHA: Se você continuar a gritar toda noite, eu não vou conseguir dormir, pai. Você quer mesmo que eu me torne um zumbi? Igual você? Um morto-vivo. É o que a Lourdes me diz. A Lourdes é malvada de vez em quando. A Cecília também. Você é cruel, pai. Era seu dever cuidar de mim. E eu tenho que cuidar de você. Você não me ouve? Pai, você não me escuta?

Licinha, agressiva, retoma a boneca e corre para a varanda.

LICINHA (à boneca): Viu que o pai não me ouve? Só a mãe sabia ouvir.

CENA VII

Lourdes, na sala da família. Ela limpa os porta-retratos e os recoloca na mesma posição, sempre com as fotografias voltadas para baixo. Há um grande quadro no centro do cômodo. Assim como as demais imagens, está virado e não se pode ver os seres petrificados, presos a sua moldura.

LOURDES: Licinha! Você mexeu de novo aqui? Já não disse que não quero ver essas caras? Já disse que não quero esses rostos voltados para nós. Se eu escondo, não volte a mexer. Não mexa naquilo que já está certo, que está bem. Por que volta a mexer nas heranças dos vivos? Eu nem morri e não tenho nada a deixar, só solidão e tristeza. Pobres sobrinhas que terão testamentos cheios de amargura para carregar. Mas é o que posso oferecer. Se ofereço assim, desculpe, meninas. Dói pensar que eu poderia ter sido mais, ter sido alguém. Ah, chega de lamentos. A casa estava aqui, tinha quartos confortáveis, papai era bondoso, os homens da rua, cruéis. Mas a beleza saiu. Júlia saiu, se arrumou e depois trouxe suas conquistas para cá. Eu só via. Ela me afrontava tanto com o marido, as filhas, o que eu não tinha. Eu poderia ter tido. Podia, sim. Não mais. Agora o tempo já fez o seu trabalho e não sirvo nem para empregada. Tem coisas que nunca mais voltam. Eu pisquei e a vida passou. Eu pisquei e achei que seria temporário, mas não foi. Tudo passou. Eu sinto que fiquei. Parecia uma ilusão estar aqui, era só um momento até que encontrasse meu caminho. O erro foi seguir a estrada alheia. Eu sempre anestesiada da vida - vivi, sem sentir. Deu de remoer dores. Que vergonha uma casa tão suja. Vergonhoso para uma dona de casa. Dona, não. Isto não. A casa nem minha é, se será, não sei quando. (aos retratos) Só escolho o lugar de vocês enquanto papai não intervém. Ele é apegado aos parentes muito mais que eu. Enfim, hoje quem escolhe os lugares de honra sou eu. E na ausência do pai, sou a dona e chefe da casa. Ele chama...Pai, já vou! Alguém vai? Cecília, não se esqueça da medicação. Eu deixei na mesinha. Fala com ele antes, porque apesar de não ter aparência de gente que vive, ele sente. Cécilia, deu certo? Ele engoliu mesmo?

Cuidado, que o vô pode afogar, dá mais água para ele, toma certeza que o comprimido desceu. Menina, você me ouviu? Então, responde!

Cecília retorna do quarto do avô.

CECÍLIA: Deu certo. Ele engoliu.

LOURDES: Não sei o que fazer. Esse remédio não funciona. Você acha que ele está melhorando? Parece que piora, que toda visita é uma piora, um cansaço a mais. É a menina que vive gritando, rodando, girando com a boneca perto dele. Ela o agita.

CECÍLIA: A Licinha não faz por mal, Lourdes. É criança.

LOURDES: Não estou acostumada com isso.

CECÍLIA: Como não? Você mora com a gente desde que nascemos.

LOURDES: Não, vocês moram comigo desde que nasceram. Eu estava aqui antes.

CECÍLIA: Então, todos moramos com o vô.

LOURDES: Era para ser somente eu e ele. Até que sua mãe trouxe todos para cá, primeiro seu pai, que agora é louco, depois veio a menina Márcia, você, a pequena, esse moleque. Credo. Que coisa ruim me subiu ao falar isso. Você não segurou ele. Ficaram olhando o menino caído no chão. Nem teu pai teve coragem de pegar o corpo, ficou parado, sem reação. Então, eu tive que buscar coragem dentro de mim, aquilo que eu sempre soube que possuía, mas não tinha usado, catei, embalei e tentei ressuscitar o menininho que mal viu o mundo e já foi expulso dele.

CECÍLIA: Foi um acidente, Lourdes...

LOURDES: Acidentes, sei. Diga isto às minhas mãos que seguraram um bebê morto. Sabe qual a sensação de ter uma criança - que você já tem certeza que não sobreviverá - mas ainda assim segura e dá as batidinhas nas costas e reza para que

ela tussa. Não emite som. O corpo molinho, a cabeça que não para. E os olhos sujos, ainda com resto do parto.

CECÍLIA: Chega Lourdes! Enterra suas mágoas com aqueles corpos no quintal.

LOURDES: Eu pediria desculpas, se ainda me sobrasse decência. Mas tudo isso já foi. Não ficou mais nada depois que ela se foi.

CECÍLIA: A gente ficou.

LOURDES: Você vai embora, menina?

CECÍLIA: Se um vento bem forte me sobrar para longe, eu vou.

LOURDES: É, para tirar uma alma desgraçada como a sua, tem que ser uma ventania forte.

CECÍLIA: A cada dia, Lourdes, você fica mais insuportável, mais teimosa e infeliz. Sua depressão é contagiosa. Contagiou seu pai.

LOURDES: Calada! Cuidado com as palavras que você pronuncia, louca, tranqueira...

CECÍLIA: Então foi você que me chamou de louca para Licinha?

LOURDES: Ela é uma criança sabida, repete bem um recado. É só fingir que é segredo e lá vai ela divulgar.

CECÍLIA: Ela é sabida...

LOURDES: Vou achar ela.

Cecília caminha para longe de Lourdes. A moça tira do bolso os muitos comprimidos furtados do avô.

CECÍLIA: Licinha é sabida, mas não sabe muita coisa. Licinha tem consciência que a mãe morreu e o pai está no jardim, porque o bebê caiu. Licinha sabe, sem que eu diga muito, sabe que irei embora. Ela não sabe que sou fraca. Licinha!

Licinha entra.

LICINHA: De novo o avô engasgou com a própria saliva. Cecília... o remédio do vô?

CECÍLIA: Não conta para a Lourdes.

LICINHA: Cecília... o remédio do vô!

CECÍLIA: Você não pode contar para ninguém.

LICINHA: Você vai matar ele?

CECÍLIA: Ele já perdeu a única função útil que exerceu. O vô teve choque de ver a filha dele morrer. Depois que um filho morrer, é difícil continuar.

LICINHA: É por isso que a mãe morreu? Porque o bebê sem nome morreu?

CECÍLIA: Não, Licinha. A mãe foi antes.

LICINHA: Eu não conto sobre o remédio se você me contar a morte da mãe.

CECÍLIA: Você vai chorar?

LICINHA: Me deixa chorar só um pouquinho.

CECÍLIA: Então, não posso.

LICINHA (com a boneca): Sabe o que o vô contou a ela hoje? Que acha que o pai vai voltar para acertar as contas com você, Cecília. Chorou horrores. Tadinho do vô. E você tirando a única forma de ele sobreviver ao trauma. Já te disse que você é maldosa, Cecília. Não. Você é cruel. Crueldade é um grau muito mais elevado de desumanidade.

CECÍLIA: Desumana? Você sabe o que é isso?

LICINHA: É o que Lourdes chama a Márcia.

CECÍLIA: Por que ela chama a Márcia assim? Sabe o que essa palavra significa? É quem deixou as qualidades de ser humano. Lá no fundo, entende? Quem não ama, não sente empatia, incapaz de produzir um só ato de bondade. Acha que sou assim?

LICINHA: Não comigo.

CECÍLIA: Não preciso ser com mais ninguém.

LICINHA: Você quer saber de outras coisas que o vô conta?

CECÍLIA: Ele acha que o pai sente raiva de mim, porque quem entregou a tesoura para a Márcia fui eu. Mas não tinha como prever que ela/

LICINHA: Não fala! Não fala! Não fala isso, por favor!

CECÍLIA: Viu, Licinha? Você não aguenta.

LICINHA: Se você me deixasse chorar pela mãe, eu poderia aguentar.

CECÍLIA: Já deu de choro. Agora, vou te dizer onde estarão os comprimidos do vô. Lembra da minha caixinha? Isso, a pequena que fica no armário do meu banheiro. Bem ali estão os remédios que tirei do vô. Mas não conta para a Lourdes.

CENA VIII

Licinha, escondida sob os lençóis que formam uma cabana para brincadeiras.

LICINHA (à boneca): Quantas roupinhas você tem? Nenhuma. Nenhuma, criatura? E tudo aquilo que eu comprei para você? Cadê? Sumiu. Nada some de uma hora para a outra, você perdeu, perdeu! Calma. É só uma brincadeira. Agora nós vamos brincar de mamãe e papai. Assim, boneca. Eu sou a mãe, você é o pai. Célio, a Marcinha chegou tarde de novo. Você vai falar com ela? (forçando a voz masculina) Júlia, a Márcia faz o que ela quer. Deixa a menina crescer. Mas, Célio, ela se mete no meio do mato sozinha. Oh, Júlia, e se ela não estiver sozinha? (à boneca, Licinha retorna à sua voz habitual) Eu acho que a Marcinha tinha um namorado e ela ia escondida se encontrar com ele. Boneca, como seria ter um namorado?

Licinha grita quando, subitamente, Lourdes ergue o lençol.

LOURDES: O que você faz aí embaixo?

LICINHA: Pensando na Marcinha.

LOURDES: Especulado para onde ela foi?

LICINHA: Pensando que ela tinha um namorado.

LOURDES: Tinha nada, ela se escondia da sua mãe.

LICINHA: A mãe é boa, Lourdes. Ninguém quer se esconder dela.

LOURDES: Todo mundo tem uma parte ruim.

LICINHA: Você tem uma parte boa, Lourdes?

LOURDES: Se vocês têm o que comer todo dia, se a casa está limpa e sua roupa dobrada no guarda-roupa, é porque sou boa.

LICINHA: A mãe era boa de outro jeito. Ela abraçava e beijava.

LOURDES: Isso é mimo, não bondade.

LICINHA: Parece que tudo que eu falo está errado, vocês nunca concordam com uma coisa que eu digo da mãe.

LOURDES: Porque você é a criança e eu a adulta. Quem sabe mais tem razão.

LICINHA: Eu sei mais e nunca tenho razão.

LOURDES: E sabe o que?

LICINHA: Coisas, Lourdes... que você não sabe.

LOURDES: E vai me contar?

LICINHA: É segredo.

LOURDES: Da sua irmã?

LICINHA: A Cecília me pediu segredo.

LOURDES: Poxa, Licinha, justo hoje que eu tinha um presente para você. Mas já vi que vou ter que dar ao cão. Que pena.

LICINHA: Qual o presente?

LOURDES: Um presentinho, sem muita importância. Mas deixa para lá. Quem sabe a sua irmã tem algo para você.

LICINHA: Acho que não. A Cecília guarda tudo numa caixinha. Ela pegou um colar da mãe. Disse que é para casa dela. Mas casa não usa colar.

LOURDES: Ela tem que tomar o rumo da própria vida. Um dia você também.

LICINHA: E se eu não gostar do mundo lá fora?

LOURDES: Então a vida vai passar e você nem vai ver.

LICINHA: O seu presente tem a ver com a boneca?

LOURDES: O que a boneca fez desta vez?

LICINHA: Ela guardou umas coisinhas. Faz parte do meu segredo.

LOURDES: Talvez a boneca gostasse do meu presente. Ele é para você, Alice. Com ele, você faz o que quiser.

LICINHA: Não é comida?

LOURDES: Não é.

LICINHA: É aquilo que eu perdi e você escondeu?

LOURDES: Isso mesmo.

LICINHA: Então, acabou meu castigo?

LOURDES: Acaba se você for uma menina boazinha e me contar tudo que sabe.

LICINHA: Mas não sou eu, é a boneca que sabe das coisas.

LOURDES: Decidam entre vocês quem vai me contar.

LICINHA: Como pode aquilo que já era meu voltar na forma de presente? O retrato da mamãe já era meu quando você pegou, então continua sendo meu.

LOURDES: Cadê ele?

LICINHA: Você escondeu.

LOURDES: Porque estava fora do lugar.

LICINHA: Eu escondi a foto dela como você mandou.

LOURDES: No piano, no pedestal da casa? Sendo destaque?

LICINHA: Deixei embaixo do piano, onde você não ia ver.

LOURDES: Me incomoda de igual jeito.

LICINHA: Me devolve que eu deixo no meu quarto e você nunca mais vê ela. A foto é a mamãe e eu. Eu bebê.

LOURDES: Vou pensar.

LICINHA: Lourdes, você está pensando faz tempo. Eu vou contar para a Cecília.

LOURDES: Ela também não sabe onde a foto está. Só eu. Só eu que sei.

LICINHA: Isso é desumano.

LOURDES: Não começa...

LICINHA: CECÍLIA!

CENA IX

Cecília sozinha em seu banheiro. Ela conta quantos comprimidos furtou do avô. Ouviu Licinha gritar e então guarda novamente os remédios em sua pequenina caixa que recebeu a função de cofre.

CECÍLIA: Para, Licinha. Você não vê que eu estou cansada? Cuido de você - que não é responsabilidade minha. Eu tenho que pisar em ovos para conseguir que qualquer coisa seja feita em meu favor - não vê que eu também estou cansada? Esse meu cansaço é a frustração que a todo tempo bate na minha cara. Eu tô cansada demais, Licinha. Cansada demais para procurar uma foto da mãe que você insiste em deixar sob o piano. Obedece a Lourdes só dessa vez. Deixa a foto escondida. Se esconde por uma tarde. Também me faria bem ter esse tempo só para mim. Eu tô assim, ó. Sufocada de todos vocês. Eu amo, sabe disso. Eu amo muito cada um. Mas não dá para mim. Eu deveria estar grata por ter vocês comigo, pela família. Todo mundo diz isso, né? Ser grato pela família. É verdade. Eu deveria. Eu sou, Licinha. Eu amo você e seu jeito de criança bobinha, inocente - mas nem tanto. Sei bem que você esconde segredinhos perversos com seus brinquedos. Tá tudo bem por mim, eu também fujo da realidade sempre que me é dada a chance. Desculpa. Não se sente rejeitada por mim. Eu te quero bem. Agora também preciso de mim mesma, entende isso? Me ter para mim mesma é trabalho duro. Quando eu me levanto, a vontade é de ir correndo te abraçar - eu poderia ser a mãe que te foi apartada. Mas não dá. Eu não posso te carregar, pombinha. Eu tô tentando escapar, tô criando na minha cabeça todas as rotas de fuga que me levam pra bem longe da opressão. Licinha, eu só queria que vocês me percebessem. Vissem que eu já era infeliz, que eu e a Márcia íamos embora. Eu não quero te deixar, só que não tem jeito. Se eu ficar mais um pouco, vou me acomodar, eu quero ir, quero ir, quero. Desculpa, pombinha, mas dessa vez, eu vou te deixar.

CENAX

As três mulheres na sala da família. Licinha, aos gritos, implora que Lourdes lhe devolva o retrato furtado.

CECÍLIA: É a foto ainda?

LOURDES: Tudo isso por uma imagem. Menina idólatra!

CECÍLIA: Só deixa ela ter a foto, vai, Lourdes. Não vamos criar caso por conta disso, você mesma disse, tudo por uma imagem.

LOURDES: E você acha que eu não sei bem a razão por trás de tudo isso, desse chororô sem fim?

LICINHA: Só me devolve, Lourdes. Eu tô sendo boazinha.

LOURDES: Só quando quer.

LICINHA: A gente tinha um trato. Você não tem palavra, não?

CECÍLIA: Barganharam pela foto da mãe, foi?

Licinha para de gritar.

LOURDES: Não foi bem uma barganha, eu nem tive que pedir muito. Te disse que ela era sabida. Sabida que só ela, não é, Licinha? Ela veio aqui me pedindo o retrato, um assunto que eu determinei estar encerrado nesta casa. Pediu. Eu neguei. Até que ela

mesma me traz algo. Uma troca, um segredinho que a boneca ouviu. Isso mesmo, não foi, Licinha?

LICINHA: Eu, não. A boneca.

LOURDES: Isso, a boneca ouviu e me contou. Uma certa mocinha, muito esperta e egoísta, que tem uma irmã assassina, decidiu matar também. Desta vez, não matam a própria mãe, mas decidem ceifar a vida do único que ficou por mim. O homem que deita naquela cama é quem eu chamo de pai e diferente do de vocês que se omite nos momentos de dificuldade, o meu pai soube cuidar da família. Eu cuido dele. Para que vocês permaneçam na casa é um requisito que cuidem dele também e me obedeçam. Não é tão difícil. Fora isso, eu deixo cada uma quieta no canto, seja falando com a boneca, seja acumulando tralhas para fazer sua vendinha, arrumar dinheiro e ir embora. Eu sei, menina, que você quer ir embora. Só para ter certeza se eu preciso me preocupar de verdade com você, por que pegou?

CECÍLIA: Não sei do que você está falando, Lourdes.

LOURDES: Roubou tanta coisa que nem sabe a qual delas eu me refiro?

LICINHA: A Cecília não rouba, ela pega a parte da herança dela.

LOURDES: Agora eu não quero ouvir o que a boneca quer falar.

LICINHA: Agora não é a boneca, é a Licinha.

LOURDES: Devolva os comprimidos, Cecília.

CECÍLIA: Não estão comigo.

LICINHA: Ela guarda na caixinha.

LOURDES: Quer que ele morra?

CECÍLIA: Eu amo o vô. Por isso não vou deixar que ele viva só para te agradar. Você se ama mais do que a ele. Só se esforça para mantê-lo vivo, porque ele é a sua companhia... e a sua função, Lourdes.

LOURDES: Vocês também são minhas funções.

CECÍLIA: Não, Lourdes. Você não entendeu. Você quer que ele viva por você. Pensa nisso... ele morrendo, o que te resta no mundo? Nem você mesma, porque não se aguenta, não aguenta o peso do próprio lamurio.

LOURDES: Deu! Não chegue mais perto do quarto dele. Nem você, criança. Quero as duas fora!

LICINHA: Da casa?

CECÍLIA: Achei que depois de tudo, você teria coragem de me mandar embora.

LOURDES: Você tem pernas próprias, caminha com os próprios pés. Eu não sou o que te empurra para longe.

Lourdes sai. Ficam somente Licinha e Cecília.

LICINHA: Não conseguimos a foto.

CECÍLIA: Não conseguimos muita coisa.

LICINHA: Você já é uma mulher grande, Cecília?

CECÍLIA: Tento ser.

LICINHA: Seu corpo me diz que você é grande, não como a Lourdes ou a mamãe. Mas como uma adulta.

CECÍLIA: Isso importa para você?

LICINHA: A Lourdes falou para a gente sair. Ela disse: fora, meninas mal-criadas e ingratas! Então, eu posso ir também. Você cuida de mim, já que é grande e adulta. A gente vai para aquela sua casa.

CECÍLIA: Eu precisava que ela tivesse gritado isso mesmo, mas não gritou. A Lourdes é assim, quando é preciso que ela se imponha e grite e xingue, ela não faz.

LICINHA: A Lourdes é o que?

CECÍLIA: Medrosa... e carente.

LICINHA: Você também?

CECÍLIA: Deu, Licinha.

LICINHA: Eu sou também. Pelo menos tenho alguma coisa em comum com a Lourdes. A gente nem parece ser parente.

CECÍLIA: Não fica buscando tanta similaridade com os daqui. Vou encontrar sua foto, pombinha.

Cecília começa a desvirar os porta-retratos.

LICINHA: Ela acha que sou eu. Depois grita comigo pelo o que você faz.

CECÍLIA: Desculpa, Licinha.

LICINHA: Tá tudo bem, eu te acoberto.

CECÍLIA: Essa foto é bonita mesmo. Você pequenininha no colo da mãe.

LICINHA: Você lembra da mãe?

CECÍLIA: Lembro. Mas a minha memória já está falhando. Às vezes eu esqueço se a lembrança é real ou, por falta de uma, eu mesma criei.

LICINHA: O que não existe, eu crio. Prefiro assim, porque o que já foi criado nem sempre me satisfaz.

CECÍLIA: Também já criei muita coisa. Viver no próprio mundo pode parecer muito melhor que a realidade. Eu sei que dói, Licinha. Penso que é para doer mesmo. Isso vai acontecer com você, se não se observar bem, vai se perder nas fantasias que criou, tentando escapar daquilo que te caça. O mundo real vai te cobrar um posicionamento e uma hora ou outra você vai ter que encarar.

LICINHA: Eu fecho os olhos.

CECÍLIA: Não dá para fechar os olhos para aquilo que vem te cegar, ou olha ou cega.

LICINHA: De verdade isso, Cecília?

CECÍLIA: Achei, toma e cuida dela agora. Esconde no seu quarto. (Entrega a fotografia à Licinha)

LICINHA: Vai me cegar?

CECÍLIA: Não, Licinha. Eu nem sei porque te disse isso. Não cega de verdade. Você ainda vai ver o mundo, só não muito bem.

Sai Cecília. Fica Licinha e a boneca.

LICINHA (à boneca): Hora da nossa lição. Primeiro, quero que você saiba que eu não sou a cruel da história. Afinal, não fui eu que começou tudo isso. Foi a Márcia. Aquela egoísta. Boneca, nós ainda não sabemos como a mamãe morreu, e ninguém quer nos contar. O melhor seria estar acordada naquele momento, ter visto desde o início. Mas a gente só foi acordar quando o irmãozinho saiu da barriga da mãe, chorando e depois ele parou. Disso eu sei que foi o pai. A Cecília me diz para não ficar brava, não cobrar do pai a morte do irmãozinho, porque foi um acidente e acidentes acontecem. Boneca, acha mesmo? É, talvez, acidentes aconteçam.

CENA XI

Licinha ao lado de Célio, amarrado à árvore do jardim. Eles se observam. Para ela é uma brincadeira de quem demora mais a piscar.

LICINHA: Você quer fazer o jogo valer a pena? Eu aposto que se eu ganhar você me conta um segredo. Como aqueles outros, sabe, da Lourdes que saiu de casa aquela vez, mas voltou. Ela é medrosa e carente. Por isso voltou. Mas eu, não. Quando eu sair, junto com a Cecília, a gente não vai voltar. Quem sabe se você estiver bem pode ir nos visitar. Topa, pai? Certo. Então, está valendo um segredo.

Eles continuam a se encarar.

LICINHA: Você piscou e eu ganhei. Agora, hora do prêmio da Licinha.

Licinha revela sua companheira, a boneca, que estava posicionada de modo que Célio não a podia ver.

LICINHA (passa a comunicar-se por meio da boneca): Hora do segredinho. De onde vamos continuar?

CÉLIO: Lourdes saindo de casa?

LICINHA: Essa a gente já sabe. Ela voltou chorando, porque homem nenhum a desejou. A Lourdes não era uma mulher a ser desejada por ninguém. Ela era desajeitada e feinha.

CÉLIO: Tinha seu charme de menina pacata.

LICINHA: Deu de Lourdes. A gente quer ouvir da mãe, a Júlia.

CÉLIO: Júlia. Veio me perguntar outra vez onde a Márcia foi. Eu sei lá, a menina está crescendo, já é moça, pode ter encontrado alguém por essas bandas, quem sabe. Ela negava. A Márcia tinha a beleza que qualquer um percebe, grandona, farta. Eu, como pai, me preocupava. A gente tem que saber que as filhas vão para alguém em algum momento. A Júlia não entendia isso. A Márcia quer estudar fora. Qual o problema das minhas aulas? Ela perguntava para mim. Não tem problema com as aulas, mas as meninas são inteligentes demais para ficarem aqui para sempre. E eu, Célio, não sou inteligente? A Júlia tinha o ego ferido. Nada ia bem. A verdade é que talvez a Júlia tivesse inveja da própria filha.

LICINHA: A mãe não era invejosa! Você é mentiroso!

CÉLIO: Ela era sim, muito invejosa. Enquanto ela ganhava peso pela gestação, a Márcia crescia. O corpo jovem firmava. O que aconteceria de qualquer forma. A Júlia odiava a ideia de ficar velha e feia. Para ela, sua maior virtude era a que todos podiam ver: a capa do corpo.

LICINHA: A mãe era linda. Muito mais que a Marcinha.

CÉLIO: Todas lindas! Todas as princesinhas do papai.

LICINHA: Cadê o segredo?

CÉLIO: Já contei. A Márcia mata porque quer ser livre.

LICINHA: A Márcia mata?

CÉLIO: A Márcia mata. A Márcia mata a Júlia, porque quer ser livre. A Márcia mata a mãe, porque quer ser livre. Ela quer ser livre, Júlia. Por que você não entende isso? Ela grita comigo porque não estou apoiando, porque você é meu esposo, Célio, tem que ficar do meu lado. Eu respondo que sou o pai da menina. A menina quer ser livre. O que tem de errado com a liberdade?

LICINHA: A Márcia matou a minha mãe?

CÉLIO: Márcia Mata. Qual o problema se ela quer ser livre? Ela quer sair, ir embora. Você foi, Júlia, foi embora. O que tem de errado com a liberdade?

LICINHA: Marcinha...

CÉLIO: Viu o que acontece quando a gente tenta prender um pássaro na gaiola? Ele força tanto o cadeado que depois não dá para conter. Todo pássaro quer voar.

Licinha começa a se afastar de Célio. Ela corre até o túmulo da mãe. Cava a terra ressecada, mas não consegue atingir o corpo.

LICINHA: A MÁRCIA MATA. CECÍLIA! A MÁRCIA MATOU A MÃE. ELA TIROU A MÃE DE MIM. Cecília, você sabia disso?

CENA XII

Licinha com a cabeça sobre o colo de Cecília. Estão na varanda, onde podem observar Célio, sentado no gramado. Ele sempre está preso à árvore. Licinha está suja de terra.

CECÍLIA: Agora você já sabe.

LICINHA: Eu chorei. Então, foi bom você não ter me contado, porque eu teria chorado na sua frente.

CECÍLIA: Já passou. Está tudo bem.

LICINHA: Não está. Você não pensa nela? Na Márcia matando a mãe?

CECÍLIA: Eu vi, não tem como não lembrar.

LICINHA: Você acha a mãe ruim?

CECÍLIA: Ela era boa.

LICINHA: E ruim?

CECÍLIA: Como todo mundo é.

LICINHA: Você é boa para mim. Eu sou boa para você também?

CECÍLIA: É, pombinha. Gosto de você do jeitinho que é.

LICINHA: Mas não disse que ama.

CECÍLIA: Eu amo.

LICINHA: Para onde a Márcia foi?

CECÍLIA: Para longe. Eu não sei. A gente tinha alguns planos de sair, tínhamos um lugar, mas tudo é incerto e estranho agora. Toda vez que penso nisso me faz sentir esquisita, enjoada.

LICINHA: Você deveria forçar o vômito, ajuda quando ele não quer sair.

CECÍLIA: Não é bem assim. Eu preciso vomitar o sentimento.

LICINHA: Seu corpo não pode expelir por você?

CECÍLIA: Até poderia. Mas ele sempre vai estar aqui. Eu vou guardar comigo, ainda que não queira, porque está virando uma parte minha, a sensação de que estou perdida e sem rumo. Quando penso que me achei, volto a perder a estrada. Você ainda não entende isso. O bom da criança é que vive só o dia de hoje. Amanhã você estará melhor, Licinha. Quase nem se lembrará que chorou hoje.

LICINHA: Eu vou lembrar que a mãe morreu e quem matou ela foi a Márcia. O pai disse que por inveja. É?

CECÍLIA: Talvez. A mãe não queria que a gente saísse. Ela gritava à noite, xingava, mas disso você não se lembra, ela gritava muito. Sabe, Licinha, a mãe era parecida com a Lourdes. Ela também sabia ser maldosa, cruel e desumana. É ruim para uma mulher como ela ter sob o mesmo teto mulheres como eu e a Márcia. Tão parecidas com quem ela foi. Ela já estava ficando velha. A Márcia disse isso, que que ela pensava

ao engravidar naquela idade? A gente achou que a mãe não sobreviveria ao parto. Você não se recorda, pombinha, mas a gestação foi difícil. Cuidei dela, porque ela e a Márcia não se suportavam no mesmo cômodo. Aí eu me vi.

LICINHA: Cuidando dela como a Lourdes cuida do vô.

CECÍLIA: E eu não quero ser como a Lourdes.

LICINHA: Vai embora por isso?

CECÍLIA: Vou embora por mim.

LICINHA: Me tira daqui, Cecília.

CECÍLIA: Hora de dormir.

LICINHA: Me tira daqui, Cecília.

CECÍLIA: Amanhã, o hoje será como um sonho qualquer.

LICINHA: Me tira daqui, Cecília.

CECÍLIA: Sonha. O sono te leva.

CENA XIII

Lourdes e Cecília na cozinha da casa. Licinha está na sala, de onde pode ver as parentes. A menina brinca com sua boneca, sem muito interesse.

LOURDES: Você acha que ela está tentando nos ouvir?

CECÍLIA: Ela sempre está.

LOURDES: É difícil ter criança em casa.

CECÍLIA: É difícil para ela também.

LOURDES: Ele disse mesmo? Que a Júlia era ciumenta e invejosa?

CECÍLIA: Foi o que ela me disse.

LOURDES: Aí a gente vai descobrindo que nem tudo são mares de rosa, não é, veja só, e eu que pensei que seu pai era incapaz de pronunciar uma só palavra de maldizer contra sua mãe.

CECÍLIA: Só foi a verdade.

LOURDES: Você pensa isso também, menina?

CECÍLIA: Sei lá no que eu ando pensando.

LOURDES: Sabe muito bem. Só ainda não entendeu o fio condutor.

CECÍLIA: Pode ser que eu vá mesmo, Lourdes.

LOURDES: Vai mesmo, criança. Sai daqui, se conseguir.

CECÍLIA: Você pensa em ir embora?

LOURDES: Não tem mais propósito escapar. A vida já me pegou.

CECÍLIA: Eu não queria te dizer isso...

LOURDES: Diz sem medo.

CECÍLIA: Não quero ser como você, Lourdes.

LOURDES: Ninguém quer. Nem eu.

CECÍLIA: Desculpa.

LOURDES: Nada... foi só a verdade. A menina te escutou. Virou a cabecinha, tristonha que só ela. Triste mesmo é ver criança sem esperança. Justo agora que nós já estávamos ultrapassando a fase de luto, ela começa a dela.

CECÍLIA: É normal que uns levem mais tempo para entender.

LOURDES: Isso sua mãe estava errada. Desde muito cedo todos devem saber o que vem, uma hora ou outra, a morte te pega pelo pé e não tem o que fazer senão encarar.

CECÍLIA: Para de azucrinar minha cabeça, Lourdes.

LOURDES: Quem não entende fica assim.

CECÍLIA: Entende o que? Da morte? Todo mundo já nasce sabendo.

LOURDES: Mentira. Ninguém, realmente, se dá conta que tudo acaba. É isso, tudo acaba e só nos resta o nada.

CECÍLIA: Continuar.

LOURDES: Porque não tem outra escolha. O que você faria se tivesse outra opção?

CECÍLIA: Não me perco em fantasias do que poderia ser. É o que é. Ponto.

LOURDES: Eu me perco. Sem perceber já flutuei para bem longe daqui, até de mim.

CECÍLIA: Talvez você possa...

LOURDES: Não. A vida já me pegou. Você ainda não entende? Tenho minhas responsabilidades que não são só para mim. Até que você tome jeito a menina vai ficar comigo.

CECÍLIA: Queria poder levar a Licinha, mas não dá... como eu começo uma nova vida com ela do lado?

LOURDES: Dá trabalho. Ela é sua irmã, mas não o motivo da sua existência. Às vezes, a gente tem que abandonar mesmo sem querer, deixar para trás e continuar.

CECÍLIA: Você será gentil com ela?

LOURDES: Como puder ser.

CECÍLIA: Vai dar um abraço de vez em quando só para ela saber que é boa a sensação de dois corpos se encontrando?

LOURDES: Quando a oportunidade surgir, eu farei.

CECÍLIA: E não vai deixar ela ter medo do mundo lá fora? Vai encorajar que ela seja forte e potente?

LOURDES: Se me for possível, sim.

CECÍLIA: Então, olha para mim, Lourdes. Eu quero ver seu rosto uma última vez. Quero que escute aquilo que eu sempre quis falar, mas desta vez com convicção, porque vou agora mesmo, subirei esta escada sem olhar para trás. É um abraço em Licinha e ponto/

LOURDES: Diga adeus à menina. Ela vai sofrer se você não tiver a dignidade de se despedir dela.

CECÍLIA: Então eu digo. Lourdes, estou indo embora e não volto. Não volto. Talvez/

LOURDES: Diz que não volta.

Cecília se aproxima de Licinha. A menina sussurra à boneca, mas ninguém, além delas, pode discernir os dizeres.

CECÍLIA: Licinha... você quer ver algo comigo?

LICINHA: Algo bom?

CECÍLIA: Algo bonito.

Elas saem.

CENA XIV

As irmãs no banheiro de Cecília. Entre elas, uma pequena caixa.

LICINHA: Estão aqui?

CECÍLIA: Aí dentro.

LICINHA: Posso pegar?

CECÍLIA: Calma.

LICINHA: Isso não é tão bonito como você disse.

CECÍLIA: É bonito o que vai acontecer.

LICINHA: Bonito?

CECÍLIA: Eu vou embora, Licinha.

LICINHA: E eu vou também.

CECÍLIA: Vai. Vai, sim. Me promete que vai. Sonha bem alto e realiza. Não se prende.

LICINHA: A gente vai ficar bem.

CECÍLIA: Dessa vez, vou sozinha. Pombinha, desculpa. Queria poder te levar, você sabe, Licinha, que não dá... Não tenho dinheiro para nós duas, não sei o que me aguarda lá fora. Eu nunca saí. Não tem jeito.

LICINHA: Está me abandonando?

CECÍLIA: A gente vai se ver de novo.

LICINHA: A Márcia nunca mais voltou.

CECÍLIA: Eu não sou a Márcia. Como eu poderia passar a vida sem te ver mais uma vez, pombinha?

LICINHA: Sabe qual é a pior parte desse apelido? Pomba voa baixo.

CECÍLIA: Desculpa, Licinha.

LICINHA: É mentira, não é? A gente está só brincando aqui. Porque agora já estou triste.

CECÍLIA: É verdade. Acredita. Estou me despedindo. Não vou desistir desta vez. Agora vou mesmo. Nesta caixa, guardei tudo que mais importa para mim. Roubei até umas coisas da Márcia, da mãe, da parentada toda, tem um lápis da bisavó. Parecia importante. Alguns comprimidos do vô estão aqui. Jogue fora se quiser. Algumas dessas coisas eu vou levar comigo, como o colar de pérolas da mãe, a corrente de ouro do pai, os anéis deixados pela Márcia. Peguei o seu anelzinho de ouro de quando era bebê, mas não vou levar comigo. Quero que você guarde. Um dia, ele pode ser mais útil que uma lembrança.

LICINHA: Isso é muito dinheiro?

CECÍLIA: Não muito, mas deve dar. Pela incerteza eu não posso te levar.

LICINHA: E a nossa casa?

CECÍLIA: Vou ajeitar ela para você ir... um dia. Licinha, ah, não, não chora.

LICINHA: Não estou chorando. É só...

CECÍLIA: Eu sei, é vontade de colo. Pode vir. Chora aqui. Viu?, vai passar. Tudo passa.

LICINHA: Justo agora quando descobri que a Márcia matou a mãe você me abandona.

CECÍLIA: Não usa essa palavra, por favor. Não é um abandono, pelo menos não para sempre.

LICINHA: Vai voltar?

CECÍLIA: Você vai me achar. Levo o que tem valor monetário, a caixinha e tudo nela é seu. A partir de agora, você guarda seus segredos nela, mas escolhe bem o que coloca aí. Não pensa tanto com a sua boneca, está bem, Licinha? Logo você será uma moça, bem forte, bonita, esperta... cuida para não perder a esperteza. O passar do tempo só vai me fazer te amar mais. Se você sofrer, eu sofrerei aonde quer que esteja, então me promete que vai se cuidar. Fala para mim isso. Que vai aprender a cuidar de si. Vai ser forte.

LICINHA: Eu tenho que ir embora da casa como você e a Márcia?

CECÍLIA: Não. Só se quiser.

LICINHA: A Lourdes não quer ir.

CECÍLIA: E a Licinha?

LICINHA: Ela quer ir com você.

CECÍLIA: Não desta vez.

LICINHA: Então quando?

CECÍLIA: Quando eu puder. Calma. Um dia.

LICINHA: Quando?

CECÍLIA: Desculpa, pombinha. Eu tenho que ir agora. Já deixei tudo pronto. Não tenho como escapar, tenta me entender. Sei que parece um adeus eterno, não é. Faço isso por mim, mas lembra que eu saí te amando, de coração quebrado e espatifado por te deixar.

LICINHA: Agora, eu tenho medo.

CECÍLIA: Lembra de ter coragem.

LICINHA: Tudo ia bem, até que...

CECÍLIA: Sempre vai ter um até que. Coragem, Licinha.

LICINHA: Cecília, você é louca mesmo.

CECÍLIA: Isso pode ser bom para nós duas. Do outro lado da porta, depois da casa, depois do passado e do dia de hoje, vamos nos encontrar. Eu prometo te esperar, prometo ter uma casa que te agrade. Plantarei as flores que me fazem lembrar de você e quando chegar, Licinha, você se sentirá em casa. Vou preparar um lar para mim... para nós duas.

LICINHA: Me tira daqui, Cecília.

CECÍLIA: Vai ser bonito de ver. Licinha, espera só eu conseguir essa nova casa.

LICINHA: Me tira daqui, Cecília.

CECÍLIA: Pombinha, desculpa. Lembra do que eu disse. Não esquece que eu te amo.

Cecília deixa Licinha. Ela se afasta e a criança já está distante. Licinha grita pela irmã, que não volta.

LICINHA: Cecília, me tira daqui! Me tira daqui! Me tira. Me tira, Cecília. Cecília, me tira daqui!

CENA XV

Lourdes e Licinha na varanda da casa.

LOURDES: E ela foi mesmo.

LICINHA: Não quero falar sobre isso.

LOURDES: Pensei que teria que cuidar de todas. Uma só é mais fácil.

LICINHA: Fica quieta, Lourdes.

LOURDES: Vai ser melhor para nós duas se nos dermos bem.

LICINHA: Quero ficar sozinha.

LOURDES: Então vai para o seu quarto. Menina, lamento mesmo. Ninguém deveria crescer sem mãe, sem pai, sem alguém. Eu...

LICINHA: Você não pode ser o meu alguém, Lourdes. Eu vou encontrar esse alguém em outro lugar.

LOURDES: Por que vocês falam tanto em sair? Não tem nada de tão errado aqui. O problema não é o lugar, são as pessoas. Quem é infeliz onde já está será infeliz não importa para onde vá.

LICINHA: Você foi, eu sei.

LOURDES: Não vamos começar sobre mim.

LICINHA: Tem medo, Lourdes. É carente.

LOURDES: Menina, digo que deu.

LICINHA: Correu para seu pai.

LOURDES: Chega! Vai apanhar.

LICINHA: Não sou sua filha para me bater.

LOURDES: Quem te defende agora que sua irmã foi embora?

LICINHA: A Cecília não vai voltar.

LOURDES: Não vai.

LICINHA: Está feliz?

LOURDES: Estou por ela.

LICINHA: Mentirosa!

LOURDES: É verdade. Meus olhos encheram de lágrimas quando ela foi. Olhou para trás e acenou. Acenei de volta. Uma mãe enviando a filha ao mundo. Você está certa, Licinha, não são minhas filhas. Mas eu senti como se fosse. Viu algo disso?

LICINHA: Não. Só o corpo sumindo no espaço vazio.

LOURDES: É a silhueta de uma mulher.

LICINHA: Foi bonito.

LOURDES: Foi, menina. E sua boneca, cadê?

LICINHA: Dei pro cão.

LOURDES: Vai salvar ela, se não fica sem.

LICINHA: Não quero ela. Deu de boneca. E eles?

LOURDES: A gente espera. O tempo vem como o vento, não é preciso fazer para sentir e sem que nos demos conta, já te pegou.

LICINHA: Na caixa de segredos da Cecília tem a tesoura. Ela não levou.

LOURDES: É só uma tesoura. Não tem razão temer um objeto mais do que deve, nem dar a ele mais importância do que é a verdade.

LICINHA: Me conta a verdade.

LOURDES: Como sua mãe morreu?

LICINHA: Conta.

LOURDES: No dia do parto, te mandei para o quarto. Menina boa, foi. Era de madrugada e o bebê não vinha. Nasceu. E depois tudo aconteceu tão rápido. A Cecília foi para a cozinha, pedi a tesoura para cortar o cordão umbilical. Ela trouxe e a Márcia

cortou. Bem rápido. Depois falou assim, estou indo, mãe, indo para não voltar. Sua mãe, fraca do jeito que estava, levantou e correu atrás da menina. Foi um acidente. Eu sei disso. A Márcia se virou. A tesoura entrou. Pronto. Ela morreu na cama, naquela manhã. Tentamos estancar o sangue. O vô Timóteo enfraqueceu no mesmo dia, sentou e não levantava, aos poucos foi parando e ficou de cama, também espera ser levado, e seu pai não superou. Com o bebê no colo, tentou acudir sua mãe. A criança caiu. O resto você já conhece.

LICINHA: A Cecília diz que eu não devo chorar sobre isso.

LOURDES: Pode sim. Mas não chora muito. Vem cá. Cada separação carrega consigo um mal maior. Bem, quem sou eu para dizer o que é mal.

CENA XVI

No quarto de Tímoteo. Ele morreu. Está na cama, coberto com um lençol branco que marca as curvas de seu corpo. Lourdes e Licinha estão ao redor.

LICINHA: Ele morreu?

LOURDES: Sim.

LICINHA: Nunca tinha visto isto.

LOURDES: Queria que visse. Fala adeus, Alice.

LICINHA: Adeus, vô.

LOURDES: Ele era querido.

LICINHA: Era bonzinho.

LOURDES: Morreu de tristeza.

LICINHA: Felicidades, vô.

LOURDES: Quer ver o rosto?

LICINHA: Não tem motivo para isso. Eu já conhecia o rosto.

LOURDES: Sua irmã saiu bem no dia em que precisamos dela. Como eu e você vamos levar esse corpo lá para baixo?

LICINHA: Daqui do segundo andar só tem dois jeitos, a escada ou a janela.

LOURDES: E nós duas não aguentamos carregá-lo pela a escada.

LICINHA: Eu não disse nada.

CENA XVII

Célio, amarrado à árvore do jardim. Ele sente os poucos pingos de chuva caírem sobre seu rosto e corpo. Gradualmente, a chuva aumenta. Ele grita por Júlia. Mantém a cabeça para trás, engolindo grande quantidade de água. Licinha e Lourdes o observam da varanda.

LICINHA: Lourdes! O pai vai se afogar.

LOURDES: Isso não vai resultar em mal nenhum. Vai que assim ele volta ao normal.

LICINHA: Pai! Você está proibido de se afogar hoje. Já deu de problemas, já deu de despedidas. Não falo mais adeus nesse dia.

CÉLIO: JÚLIA!

LICINHA: Alice, pai. Fala Alice, chama por mim.

LOURDES: Ele não pode te ouvir.

LICINHA: Me escuta, pai. Alice. ALICE! Eu estou bem aqui. Por que você finge não me ouvir? Por que não me escuta? Eu farei você me ouvir. ALICE!

CÉLIO: ALICE!

LICINHA: ALICE!

LOURDES: Deixa ele se afogar.

LICINHA: O que acontece depois, Lourdes?

LOURDES: Você vai ver.

LICINHA: Então, não me ouve se não quer. Vai embora se te faz bem. Eu não ligo mais. Não me importa. Não consigo cuidar de nós dois, pai. Você se vira agora. A Lourdes derrubou o próprio pai da janela. Ela chorou demais. Viu? Olha a Lourdes. A gente ainda nem terminou de enterrar o vô, nem de cavar a cova. Você podia ajudar, mas não se mexe, fica aí. Vai ficar sozinho. Cansei de ouvir segredos, fofoca. Cansei de esperar por você. Mas se quiser, se um dia resolver voltar para mim, a Licinha estará aqui. Agora, eu não posso, pai. Estou tentando construir um lar. (a Lourdes) Ele entende essa palavra: lar.

CENA XVIII

Alice, adolescente, sentada no quintal. Os túmulos dos parentes falecidos estão logo atrás. A terra está seca há muito tempo. Há pouco zelo no local. Surge Lourdes segurando o correio.

LOURDES: Licinha, ela escreveu de novo.

ALICE: Não quero saber.

LOURDES: Vai responder desta vez?

ALICE: Qual seu problema, Lourdes? Já disse que não quero saber.

LOURDES: Menina mal-criada!

ALICE: Lembra que você me criou.

LOURDES: Que houve que está assim hoje?

ALICE: Estou como todos os dias.

LOURDES: A Cecília escreveu. A Márcia também.

ALICE: Que bom.

LOURDES: Estão bem. Perguntaram por nós. Cecília mandou um dinheiro para você, vou deixar no quarto e vê se guarda na caixinha, viu? Não perde isso. Da outra, nada. Já que eu te crio e mando, escreve agradecendo sua irmã.

ALICE: Vou ver isso.

LOURDES: E sai do cemitério agora. Que coisa feia mulher assim.

ALICE: Me acha mulher, Lourdes?

LOURDES: Você bem que parece uma.

ALICE: Sei lá... às vezes me acho idiota.

LOURDES: E mulher não pode ser idiota também?

ALICE: O que você a... Não! Não quero nem saber.

LOURDES: Acho que você ainda é a Licinha.

ALICE: Já disse que agora é Alice!

LOURDES: Licinha para os mais próximos.

ALICE: Para, Lourdes! É só Alice e ponto.

LOURDES: Essa puberdade está difícil para mim, mas tudo bem, você está me saindo melhor que suas irmãs. Aparentemente, na fase adulta elas se deram bem.

ALICE: Aparentemente...

LOURDES: Isso é inveja?

ALICE: É coisa diferente.

LOURDES: Larga esse seu rancor. Ela teve que sair e você vai um dia também.

ALICE: Seria tão ruim ficar aqui com você?

LOURDES: Para sempre? Licinha, olha onde você está. Quantos corpos nós já enterramos juntas? Você não tem mais ninguém. Só eu. E logo mais serei mais um. Que adianta ficar aqui, menina?

ALICE: Já quer se livrar de mim, Lourdes? Eu te espero. Quem, senão eu, para te enterrar? Depois vou regar as plantas.

LOURDES: Mata logo essas plantas e acha um rumo. Eu sempre te digo que o tempo passa. Está passando e você se faz de besta.

ALICE: E aí escrevo para ela. Como ela está?

LOURDES: Vai bem. Não sei no que trabalha. Mas tem uma casa.

ALICE: Ela me espera?

LOURDES: Pode ir quando quiser. Eu me viro sozinha.

ALICE: Eu vou ver isso depois. Estou pensando em outra coisa.

LOURDES: Como o que?

ALICE: No dia em que o pai se afogou. Vomitou. E o coração dele parou. Por que não quis enterrar os dois juntos? O pai e o vô.

LOURDES: Porque na vida todo mundo tem o seu lugar e na morte também.

ALICE: Depois que escrever, onde deixo a carta?

LOURDES: Você sabe onde entregar. Não posso fazer tudo por você. A vida inteira, Licinha, me exigindo o que não é da minha responsabilidade. Começa a cuidar de você mesma.

ALICE: Me deixa ficar mais um pouco aqui. Me sinto bem no meio deles. Não tenho medo, nem nojo. Só fico bem. Depois eu escrevo, levo a carta no correio. Talvez nem mande entregar. Só escreva e guarde. Ainda tenho tempo, sou jovem, não tenho pressa na vida, nem viver, me dou esse direito. Direito de permanecer aqui. Com vocês.

Esta dramaturgia foi criada no projeto *Brasis por escrever*, uma realização do **Platô – Pesquisa e Produção**, que por meio de encontros virtuais, de dezembro de 2020 a julho de 2021, reuniu uma turma de autorxs de diversas localidades do Brasil para estudo e criação de dramaturgias com orientação de Cecília Ripoll e Diogo Liberano (região Sudeste): Carolina Queder (Centro-Oeste), Denni Sales (Norte), Janaína Fukuxima (Sul), Thais Vasconcelos (Norte) e Thiago Dominoni (Sul).

